

## UM OLHAR PARA A CLÍNICA DA PARANOIA

### A LOOK AT THE PARANOIA CLINIC

Juliana Santos Lourenço<sup>1</sup>

---

#### RESUMO

O artigo apresenta um breve recorrido teórico da teoria psicanalítica em Freud e Lacan a respeito da estrutura clínica da psicose, com o intuito de poder dar destaque aos fenômenos que caracterizam a paranoia. Examinaremos os traços que evidenciam um diagnóstico clínico de paranoia, tomando em primeira linha o caso clássico do presidente Schreber, que foi examinado por Freud; seguiremos as trilhas de Lacan sobre seus estudos mais aprofundados acerca da psicose; desenvolveremos com os autores mais contemporâneos para lograr uma compreensão acerca do Um da paranoia, que vem a ser o significante Mestre retido pelo sujeito. Tomaremos logo em seguida a tese de holofrase de Lacan para contrapor com a tese de Colette Soler sobre o significante do Desejo da Mãe, traços que reataram da metáfora materna, e que colocam o sujeito paranoico numa identificação imediata com esse significante.

Palavras-chave: Psicose. Paranoia. Significante Mestre. Desejo da Mãe.

#### ABSTRACT

The article presents a brief theoretical review of psychoanalytic theory in Freud and Lacan regarding the clinical structure of psychosis, in order to highlight the phenomena that characterize paranoia. We will examine the traits that evidence a clinical diagnosis of paranoia, taking in the first line the classical case of President Schreber, which was examined by Freud. And then we will follow Lacan's tracks on his deeper studies of psychosis and we will develop with the more contemporary authors to achieve an understanding of the One of paranoia, which becomes the significant Master retained by the subject. We shall next take Lacan's tholophase thesis in order to counteract Colette Soler's thesis on the signifier of Mother's Desire, traces left by the maternal metaphor, which places the paranoid subject in immediate identification with this signifier.

Keywords: Psychosis. Paranoia. Master Signifie Mother's Desire.

---

<sup>1</sup> Mestre em Teorias Psicanalíticas e especialista em Psicologia Clínica, Universidad Argentina John F. Kennedy, Buenos Aires, Argentina. *E-mail*: psi.jusl@gmail.com

---

## INTRODUÇÃO

Neste trabalho pretendemos abordar a etiologia da psicose e, em particular, os fenômenos clínicos que caracterizam a paranoia. Para irmos ao encontro de nossa proposta, delimitamos nossos estudos nas obras de Sigmund Freud, nos *Escritos e Seminários* de Jacques Lacan, bem como nos textos de outros autores contemporâneos que seguiram o raciocínio, em destaque Antonio Quinet, que também nos ajudou para a compreensão do tema escolhido.

Começaremos fazendo um breve recorrido nas obras de Freud, tomando alguns conceitos considerados importantes para o entendimento da etiologia da psicose, bem como as manifestações clínicas da paranoia. Em seguida tomaremos um dos principais textos do autor sobre o tema: *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia* (1911), mais conhecido como o “Caso Schreber”, para expor o que o autor sublinhou sobre os delírios e o objeto perseguidor da paranoia, onde evidencia o mecanismo de projeção.

A partir dos conceitos freudianos expostos no trabalho, tomaremos na sequência as teorias de Lacan e as suas principais contribuições acerca do tema, já que ele foi quem mais se empenhou a pesquisar sobre o assunto e o tema da loucura sempre o capturou. Explicitaremos o mecanismo da forclusão do Nome-do-Pai, introduzido pelo autor, e que veio a ser o mecanismo próprio da estrutura psicótica e, como as incisões feitas sobre o complexo de Édipo freudiano tiveram importância, a ponto de ser apontado como o grande divisor de águas entre os campos das neuroses e os campos das psicoses.

Seguiremos apresentando com mais especificidade a clínica da paranoia, observando as principais manifestações clínicas. E demonstraremos a operação *verhaltung* (que se traduz por “retenção”), termo alemão usado por Lacan para explicar a operação específica da paranoia, de modo a distingui-la das demais subdivisões clínicas da psicose. Esse mecanismo refere-se à retenção de um significante, mas não qualquer significante, e sim um significante mestre, que representará o sujeito, para todos os demais significantes. Evidenciaremos também, a marca do desejo da mãe, que se presentifica na estrutura do sujeito paranoico como um gozo sem barra, visto que não houve a internalização da lei, devida à ausência do significante do Nome-do-Pai.

### UM BREVE PERCURSO EM FREUD

No artigo *As neuropsicoses de defesa* (1894), encontramos as primeiras investigações de Freud acerca da psicose. O autor declara que na psicose existe um mecanismo de defesa muito mais rigoroso e eficaz que na neurose, e explica que tal mecanismo consistiria em rejeitar (*verwerfung*) no Eu toda representação insuportável, como se essa jamais tivesse existido. Portanto, é correto afirmar, que o Eu se defende das representações insuportáveis mediante o refúgio na psicose (Freud, 1894).

Nas cartas dirigidas a Fließ, *Rascunho H* (1895), o autor se detém com mais exclusividade nos processos defensivos paranoicos. Ele os subscreve como um “abuso do mecanismo de projeção para fins de defesa” (1985 p. 256), em que o principal propósito do sujeito, nesse tipo

de manifestação clínica, seria rechaçar uma ideia que é incompatível com o seu Eu, projetando seu conteúdo para o mundo externo.

No ano de 1896, Freud escreve “Novas observações sobre as neuropsicoses de defesa”, e nesse artigo ele coloca a paranoia em série com a histeria e a neurose obsessiva, situando essas repartições clínicas a partir da primeira experiência de prazer do sujeito e do destino que decorre desse primeiro encontro com as pulsões sexuais.

O autor equaciona a paranoia com as neuroses, comparando-a especificamente com a neurose obsessiva, dado que em ambas, a experiência do prazer seria vivenciada com um excesso de energia pulsional, que deixam marcas mnêmicas, das quais são decisivas na “escolha de estrutura”.

A diferença marca por Freud é que na neurose obsessiva as recriminações oriundas da vivência prazerosa em relação à cena recalcada se manteriam no mundo interno, e na paranoia, essas seriam projetadas no mundo exterior, pois o sujeito ao invés de desconfiar de si mesmo, desconfiaria dos outros.

Na paranoia, a recriminação é reprimida por um caminho, pela qual se pode designar como *projeção*, visto que se destaca o sintoma defensivo na desconfiança nos outros; remove, assim, o reconhecimento à recriminação, que se descompensam na falta de proteção contra as recriminações que retornam dentro das ideias delirantes. (Freud, 1896, p. 183, tradução livre)

Freud demonstra, ainda, que tanto na paranoia como na neurose obsessiva haveria uma produção de defesa secundária, as ideias delirantes, que chegariam à consciência em virtude do compromisso entre as forças recalcadoras e recalcadas, pelo qual demandariam ao Eu um forte trabalho de adaptação.

Nessa fase de sua conceituação teórica, os processos defensivos ocupam lugar universal na compreensão etiológica das psiconeuroses, servindo de base diferencial para a descrição das principais manifestações clínicas analisadas (histeria, neurose obsessiva e paranoia).

Em 1911, Freud avança seus estudos sobre a paranoia, ao analisar os escritos de Daniel Paul Schreber no livro *Memórias de um doente dos nervos* (1903). Em seu livro, Schreber descreve seu processo de construção de delírio paranoico, no qual, ficou submetido, como também, paradoxalmente, pela mesma via teria lhe proporcionado sustentar-se, de certa forma, no laço social e livrar-se da custódia que o mantinha em asilo psiquiátrico. Freud toma-o, como seu caso clínico, mesmo nunca o tendo visto.

### **O caso Schreber**

Em 1911, no texto *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia*, conhecido mais informalmente como o “Caso Schreber”, Freud escreveu aquele que seria considerado o primeiro texto da tradição da psicanalítica a respeito da psicose, onde ele desenvolve uma profunda análise sobre os mecanismos da paranoia.

No caso Schreber, Freud se ateu a examinar o objeto perseguidor da paranoia. Ele associa o investimento no objeto perseguido, presentificado pelo Dr. Fleschig, a uma relação libidinal de molde narcísico. Os delírios de base homossexual de Schreber não se refeririam a uma escolha de objeto libidinal, mas sim, conotariam o desejo de manter a sua integridade narcísica. Assim sendo, a proposição que encontramos no texto, “Eu o amo”, o “Eu” e o “o” se referem à mesma coisa, ou seja, é a equivalência existente, na base do delírio, a não diferença, que sustenta a *Gestalt* do sujeito paranoico.

Freud conclui, a partir da homossexualidade schreberiana, que o cerne do conflito paranoico, do sexo masculino, estaria na fantasia homossexual de “amar um homem”, onde ele luta para se proteger de tais pulsões. Portanto, a proposição “Eu (um homem) o amo” pode ser contraditada em quatro formas, das quais, na clínica, sua interpretação se torna crucial, para a definição do subtipo clínico da paranoia, que pode ser discernido em:

1. **Delírio de perseguição:** “Eu não o amo – Eu o odeio, porque ELE ME PERSEGUE”. A formação de sintoma da paranoia exigiria então, que a percepção interna fosse substituída pela percepção externa, transformações que são processadas pelo mecanismo de projeção: “Ele me odeia (persegue), o que me desculpará por odiá-lo”.
2. **Delírio erotomania:** “Eu não o amo – eu a amo, porque ELA ME AMA”. Notamos que o mecanismo de projeção é igual, parte da mesma proposição, onde a percepção do ser amado é uma percepção externa. Freud sinaliza que é possível se confundir com uma fixação heterossexual, se não apreendermos que, invariavelmente, essa afeição se inicia por uma percepção externa de ser amado.
3. **Delírio de ciúme:** Podemos estudá-las nas formas características de cada sexo. No homem, os delírios alcoólicos de ciúme ocorrem quando ele descontente com a mulher, busca no bar e na companhia de homens uma satisfação emocional que deixou de ter junto com ela. No entanto, se esses homens passam a ser objeto de sua pulsão inconsciente, logo ele a repelirá: “**Não sou eu quem ama o homem – ela o ama**”, suspeitando assim de sua mulher em relação a todos os homens a quem ele próprio é incitado a amar. A deformação por parte da projeção neste caso se encontra ausente, visto que, com a mudança do sujeito que ama, todo o processo é lançado para fora do ego. Não é o sujeito que ama. Na mulher os delírios de ciúmes são exatamente análogos. “**Não sou eu quem ama as mulheres – ele as ama**”. A mulher ciumenta, segundo Freud, suspeita do marido com todas as mulheres por quem ela própria se sente atraída, por conta de sua homossexualidade e ao efeito de sua excessiva condição narcísica. Freud declara que, poder-se-ia supor que uma proposição composta de três termos, “tal como ‘eu o amo’, só pudesse ser contestada por três maneiras diferentes”. A saber: os delírios de ciúme contradizem o *sujeito*; os delírios de perseguição contradizem o *predicado*; e a erotomania contradiz o *objeto*. E nos alerta para um último tipo de contradição, na qual contradiz a proposição como um todo, a saber – no delírio megalomaniaco (1911, p. 72).

**4. Delírio megalomaníaco:** Contradiz a proposição “eu o amo” como um todo: **“Não amo de modo algum – não amo ninguém”**.

É o quarto tipo de delírio, sendo essa proposição, segundo o autor, o equivalente psicológico da proposição: **“Eu só amo a mim mesmo”**, o que resultaria no “eu megalomaníaco”, que pode ser entendida como uma “supervalorização sexual do ego”.

A megalomania, portanto, refere-se ao fato de que todos os delírios paranoicos partem da centralização do eu, de modo a interpretar todas as identidades, a partir de uma projeção no outro do que lhe é particular, sendo, assim, seu objeto amoroso, supervalorizado.

Sonia Alberti, no livro *Na mira do outro*, de Antonio Quinet, no artigo *Os paranoicos e a psicose*, sublinha a fixação narcísica exposta por Freud e conclui que “a integridade narcísica na paranoia sustenta um eu fragilizado, identifica o outro a partir de suas próprias referências [...], a ponto de ser perfeitamente possível ao sujeito delirante crer que o outro age, pensa e sente conforme sua projeção” (2002, p. 68). Portanto, a fixação libidinal da paranoia está no estágio narcísico, e a regressão se dá nesse ponto de fixação.

O mecanismo de projeção, ainda que não seja exclusivo da paranoia, poderia ser entendido como um dos principais fenômenos do sujeito paranoico, já que é um mecanismo que depende essencialmente do narcisismo. Contudo, Freud avança a teoria psicanalítica a respeito do delírio e avalia o desarranjo subjetivo que ocorre na paranoia como um processo particular de recalque, que consiste em um desligamento da libido com relação às outras pessoas e coisas que antes foram amadas. O acontecimento de tal processo é silencioso, mas o que se impõe ruidoso é o processo de restabelecimento que reconduz a libido em direção aos objetos, outrora abandonados, através, justamente, do delírio. Assim, Freud inaugura a concepção da psiquiatria sobre o delírio afirmando de forma inusitada: “As formações delirantes, que presumimos ser o produto patológico, é na realidade, uma tentativa de restabelecimento, um processo de reconstrução” (1911, p. 78). Diz também que, até o presente momento, sobre o mecanismo de projeção, não seria certo afirmarmos que o sentimento, dentro recalçado, teria sido projetado para fora, e, sim, “que aquilo que foi internamente abolido retorna desde fora” (Freud, 1911, p. 78). Lacan retoma esta frase e desenvolve essa concepção em seus ensinamentos, de modo a atribuir para a psicose, como o seu mecanismo específico.

## LACAN E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO CAMPO DA PSICOSE

Vimos até aqui, de forma breve, como Freud foi construindo sua teoria a respeito da paranoia e as suas formações delirantes. Agora apontaremos para os desdobramentos dessas teorias, a partir dos ensinamentos de Lacan que, através de uma releitura das obras de Freud, pode dar novas contribuições e ampliar a clínica psicanalítica no campo das psicoses.

Freud, ainda que tenha deixado muitos textos acerca da psicose, não tem como negar, foi o “homem da neurose”. Já Lacan pode dar passos mais largos e avançar a clínica da psicose, visto que, em sua trajetória, o tema da loucura sempre o capturou. Acreditamos que a grande contribuição de Lacan, sobre o tema referido, foi a introdução do conceito da forclusão do Nome-do-pai.

O termo neológico utilizado por Lacan, deriva do francês – *forclusion*, cuja tradução exata vem do termo jurídico “prescrição”. No entanto, não é a tradução correta do francês que Lacan propôs para o termo *verwerfung* de Freud, mas sim uma interpretação, que se designa a dizer que o foracluído do lado de dentro, retorna no lado de fora. A realidade do sujeito psicótico é construída por suas criações inconscientes projetadas no outro.

Esse discernimento foi crucial para o tratamento possível da psicose. Veremos que tal mecanismo incidiu sobre dois pontos: o retorno do foracluído, que não é o mesmo que o retorno do recalçado; e o Édipo, que, por sua vez, é colocado no centro do tratamento da psicose, saindo o assento dos mecanismos defensivos do eu. O Édipo passa a ser entendido como o *preço a ser pago* para o sujeito advir ao mundo como sujeito da linguagem, condenado a lidar com a falta, castração irrevogável (Quinet, 2011).

Para começarmos nossa pesquisa sobre os trabalhos de Lacan, acreditamos ser justificável iniciarmos pela sua notável frase “não é louco quem quer”. Tal afirmativa, de pronto, já nos leva a pensar em uma condição precisa para situar a psicose como uma estrutura clínica diferente da neurose. A condição clínica da psicose deve, agora, espelhar esse novo pensamento.

No seu texto *Formulação sobre a causalidade psíquica* (1946), Lacan descarta as teorias que tentam explicar a loucura por vias de uma perturbação orgânica interna ou de uma função psico-orgânica e se dirige a pensar na gênese dos distúrbios mentais por “outra forma de causalidade”. Para tentar explicar os vínculos da loucura a essa outra causalidade, que chama de *psíquica*, Lacan se aproxima do filósofo Descartes e evidencia que é preciso desconstruir a ideia de que o verdadeiro tem como referente algo natural, bem como ressalta a importância de que “se considere a experiência vivida antes de qualquer objetivação, e antes até de qualquer análise reflexiva que mistura a objetivação com a experiência” (1946, p. 180).

No mesmo texto, Lacan propõe uma “fórmula geral da loucura” que dispõe como um “êxtase do ser numa identificação ideal” (1946, p. 173). No entanto, como a identificação não é uma característica própria da psicose, Lacan a caracteriza como uma *immediatez*, termo que se explicaria, não por um prisma temporal, mas sim por uma não mediação, situação inversa à identificação neurótica, onde entre o sujeito e a imagem ideal se sobreporia um terceiro na relação.

Lacan nos remete então a este terceiro termo que faz mediação, faltante na psicose. Mas qual seria esse terceiro termo? Lacan nos dá a resposta: é o Édipo. Mito que foi usado por Freud para dar forma épica no que opera na estrutura, e que alguns anos depois Lacan irar discorrer sobre o dito complexo, propondo o conceito de foraclusão.

### **A Foraclusão do Nome-do-Pai**

No ano de 1958, Lacan consolida no texto *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*, o conceito de foraclusão do Nome-do-Pai, tal como já vinha fazendo no seminário Livro III. A psicose é reformulada e a referência ao Édipo passa a ser em tese o *divisor de águas entre o campo das neuroses e o campo da psicose* (Quinet, 2011).

No mesmo ano, encontramos no seu Seminário, *Livro 5: as formações do inconsciente*, a construção dos três tempos lógicos do Édipo, onde demonstra toda epopeia edípiana.

- **Primeiro tempo:** a criança está identificada como o falo materno da mãe, ou seja, “o sujeito se identifica especularmente com aquilo que é objeto do desejo de sua mãe” (Lacan, 1958, p. 198). Aqui, nesse tempo, a mãe é o Outro absoluto. Os três elementos que encontramos são: a criança, a mãe e o falo, equivalente à criança.
- **Segundo tempo:** ocorre a simbolização da lei, que é correspondente ao recalque original. A instância paterna surge para mediar a relação entre a criança e a mãe. Aqui o Nome-do-pai incide como função simbólica, metaforizando o lugar de ausência da mãe, e a criança tem sua identificação com o falo destruída ou pelo menos recalçada.

O segundo tempo é marcado deste modo: pela intervenção do Nome-do-pai no Outro, abrindo a possibilidade da criança se separar da identificação imaginária ao falo, e de se submeter à lei simbólica. O Outro perde a posição de todo-poderoso, por estar inferido a um “corte superior” e ganha a marca da castração ( $\mathcal{A}$ ).

- **Terceiro tempo:** trata-se da saída do complexo de Édipo. O garoto passará da posição inicial de ser o falo à posição ter o falo, visto que o falo passa de objeto imaginário a significante e, como efeito dessa operação, ele desaparece, inscrevendo-se como falta no imaginário ( $-\phi$ ). Lacan sublinha: “É por intervir no terceiro tempo como aquele que tem o falo [referindo-se ao pai], e não o que é, que se produz a báscula que reinstaura a instância do falo como objeto desejado da mãe, e não mais como objeto do qual o pai pode privar” (p. 200). Aqui o falo deixa de ser o objeto de desejo da mãe, para ser o significante do desejo do Outro.

Lacan sublinha que nos meninos “a identificação com o pai é feita nesse terceiro tempo, no qual ele intervém como aquele que tem o falo. Essa identificação chama-se Ideal do Eu” (p. 200). Nas meninas o declínio do Édipo é mais simples, pois não necessita fazer essa identificação, apenas se situar como objeto de desejo do homem.

Dessa maneira, Lacan desenvolve o complexo de Édipo e, de modo sucinto, resume:

Assim, é o plano da privação da mãe que, num dado momento da evolução do Édipo, coloca-se para o sujeito a questão de aceitar, de registrar, de simbolizar, ele mesmo, de dar valor de significação a essa privação da qual a mãe releva-se o objeto. Essa privação, o sujeito infantil a assume ou não, aceita ou recusa. Esse ponto é essencial. (Lacan, 1958, p. 191)

Assim, Lacan coloca o Édipo na cadeia significante que opera entre os dois significantes fundamentais: o significante da mãe (DM) e o significante do Nome-do-Pai (NP). É possível vermos o resultado dessa operação na fórmula da *metáfora paterna* (Lacan, 1955; 1956, p. 563), onde Lacan faz um resumo do Édipo e demonstra a operação do recalque através da substituição significante:

$$\frac{NP}{DM} \cdot \frac{DM}{X} \rightarrow NP \frac{(A)}{\phi}$$

Os três tempos do Édipo reaparece na fórmula da *metáfora paterna* da seguinte maneira: O sujeito de início é uma incógnita (X), que busca sua significação no Desejo da Mãe  $-\frac{DM}{X}$ . O Nome-

do-Pai opera enquanto função simbólica, interdita o significante do Desejo da Mãe, metaforizando este, para o filho (o desejo da mãe é o pai), e é recalcado. Desse modo, o sujeito entra na ordem simbólica e o resultado que temos é que toda significação se remete ao falo:  $\frac{(A)}{\phi}$  sendo esta a significação que permitirá o sujeito a se posicionar na partilha dos sexos.

O Nome-do-Pai barra o desejo da Mãe, e faz emergir o falo como significante do desejo do outro. Através dessa operação o sujeito entra na ordem simbólica, podendo assim, dar significação aos seus significantes. Já na psicose, a metáfora paterna fracassa, ou seja, o recalque primário não acontece; ao invés disso, há o que Freud chamou de *verwerfung* (recusa), e que Lacan traduziu por forclusão, para evidenciar que a referência ao Édipo na psicose permanece, mas a lei do pai não opera.

Pode acontecer que um sujeito recuse o acesso, ao seu mundo simbólico, de alguma coisa que no entanto ele experimentou e que não é outra coisa naquela circunstância senão a ameaça de castração. Toda a continuação do desenvolvimento do sujeito mostra que ele nada quer saber disso... (Lacan, 1955, p. 21).

A forclusão do Nome-do-Pai tem por efeito, o não atravessamento na história edipiana e, sendo assim, o sujeito psicótico não é submetido à castração simbólica, o que o impede de se situar como homem ou mulher na separação dos sexos. Tal mecanismo vem a ser, o mecanismo próprio da estrutura psicótica – e estabelece, dessa maneira, uma clínica que se diferencia em relação à clínica da neurose.

A *verwerfung* original será tida por nós, portanto, como forclusão do significante. No ponto em que, veremos de que maneira, é chamado o Nome-do-Pai, pode pois responder no Outro um puro e simples furo, o qual pela carência de efeito metafórico, provocará um furo correspondente na significação fálica. (Lacan, 1958, p. 564)

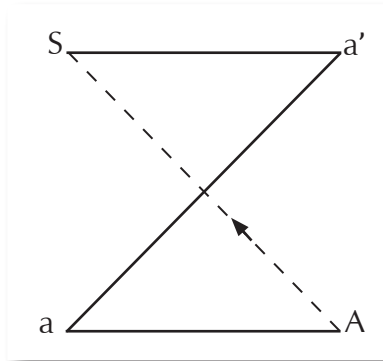
Por falta da referência simbólica, o sujeito psicótico vai funcionar no registro do imaginário, explicado por Lacan, como sendo esse o registro que possibilita o Eu encontrar o seu lugar. Desse modo, na psicose, o Outro é tomado como espelho e modelo de identificação imediata. Quando Lacan trabalha o estágio do espelho (1949), organiza a passagem do autoerotismo ao narcisismo, tal passagem caracteriza a formação de uma imagem unificadora, que se refere à formação do Ideal-do-Eu, que está integralmente relacionado ao desejo da mãe.

## A REFERÊNCIA AO IMAGINÁRIO NA PSICOSE

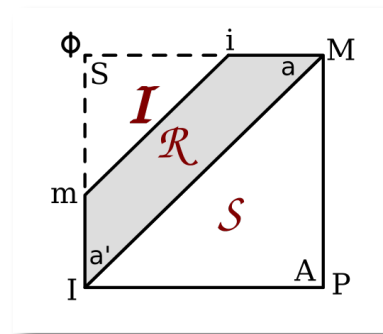
Na paranoia, ao contrário de outras manifestações psicóticas (esquizofrenia e melancolia), a internalização do Eu ocorre, visto que no desejo da mãe o sujeito é nomeado. Lacan fala da constituição do Eu a partir do Outro e formaliza o conceito do “*Estádio do Espelho*” (1949). Na psicose, o Outro é tomado como modelo de identificação imediata. A imagem do semelhante lhe serve de muleta, como uma bengala imaginária, dito desse modo por Lacan, para explica a



frágil estrutura do psicótico. O sujeito, fora do surto, serve-se dessa bengala imaginária, podendo viver por toda a sua vida sem que uma psicose se declare. No esquema L, podemos observar o modo como o sujeito se relaciona com o outro (Lacan, 1958, p. 163):



A relação imaginária entre o eu do sujeito e o seu semelhante ( $a' \rightarrow a$ ), se dá através de uma relação especular e de agressividade narcísica. Essa relação dual é atravessada pela relação simbólica ( $A \rightarrow S$ ) que corta fazendo três. O sujeito se constitui enquanto se articula nesses quatro pontos proposto no esquema L.



Nosso esquema, lembro isso a vocês, figura a interrupção da palavra plena entre o sujeito e o Outro e seu desvio pelos dois eu, a e a', e suas relações imaginárias. Uma triplicidade está aqui indicada no sujeito, que abrange o fato de que é o Eu do sujeito que fala normalmente a um Outro, e do sujeito, do sujeito S, em terceira pessoa. Aristóteles observa que não convém dizer que o homem pensa, mas que ele pensa com a sua alma. Da mesma maneira, eu digo que o sujeito se fala com o seu Eu. (Lacan, 1955, p. 23)

Mas havendo falha na função simbólica ( $A \rightarrow S$ ) por falta do significante do Nome-do-Pai, o registro imaginário ( $a' \rightarrow a$ ) fica completamente comprometido, colocando o sujeito psicótico numa relação dual com o seu duplo imaginário, formando o eixo Eu-Outro do estádio do espelho. Nessa hipótese, o Outro (A) está excluído e o sujeito lida apenas com o pequeno outro.

O esquema L pode ser compreendido, então, como o esquema onde a corrente do inconsciente circula continuamente, mas é modulada pelo eu, de modo que, se houver a intervenção do terceiro termo, a mensagem é enviada. Mas se, ao contrário, o que houver for o fascínio pelo imaginário, a diagonal simbólica é estancada e o sujeito funcionará sobre o vértice do imaginário e o inconsciente estará a céu aberto.

Lacan aumenta as dimensões do esquema L, sobrepondo-o o Édipo, e o resultado é um novo esquema, denominado de *esquema R* (Lacan, 1958, p. 234).

### **O tripé imaginário:**

$\varphi$  = falo

$i$  = imagem especular (do semelhante)

$m$  = moi (eu)

$P$  = Nome-do-Pai

$M$  = figuras do Outro primordial (Outro materno)

$I$  – ideal do eu (identificação ideal)

No livro *Teoria e Clínica da Psicose*, Antonio Quinet explica o esquema R da seguinte maneira: “ $i$  está para  $a$  como  $m$  para  $a'$ .  $m$  é uma primeira forma (*Urbild*), uma primeira imagem fundada a partir da imagem do semelhante ( $i$ ). De  $m$  a  $I$  se situarão todas as figuras do Outro imaginário”, diz ainda: “De  $i$  (imagem do Eu: Eu-ideal) a  $M$  (o lugar da mãe) se situam os modelos de identificação”. Esse quadrilátero delimitado por  $iMIm$  contém, portanto, a realidade do sujeito. Sendo assim, na neurose, o campo da realidade está apoiado pelo Nome-do-Pai do lado do triângulo simbólico, e do lado do triângulo imaginário, o falo cumpre a função de sustentar o sujeito em seu ser devivente (Quinet, 2011). Portanto, sua realidade, enquanto psíquica, apoia-se nos três registros: Imaginário, Simbólico e Real.

Na psicose o  $NP = 0$  e o  $\varphi = 0$ , resultando numa hiância no campo imaginário. Porém, na paranoia, como veremos a seguir, ao contrário de outras manifestações psicóticas, a internalização do Eu ocorre, visto que, no desejo da mãe, o sujeito é nomeado.

## **A CLÍNICA DA PARANOIA**

Veremos, então, que na paranoia, como demonstra Lacan, o Um que retém o sujeito advém do registro do imaginário, e corresponde à identificação imediata à imagem especular. É o Um que vela a falta, e que impede a dispersão da imagem e do corpo. Em suma, o Um da paranoia previne que o sujeito se veja dividido; ele é total, uno, *uma personalidade*.

Para compreendermos melhor acerca do Um da paranoia, retomemos o primeiro capítulo, onde Freud aproximou a paranoia das neuroses, comparando-a principalmente com a neurose obsessiva, pelo fato de que, em ambas, a experiência de gozo vivenciada inicialmente com prazer, quando é evocada posteriormente, debela uma recriminação desprazerosa.

Na neurose obsessiva, o gozo vivenciado é recriminado pelo sujeito, já que há incidência da lei simbólica descrita por Lacan com a internalização do Nome-do-pai. Esse gozo proibido ( $s^1$ ) passa a ser recalçado. A autorrecriminação é uma forma de reprodução da lei, trazendo à tona a estrutura marcada pelo Complexo de Édipo. No caso da paranoia, o sujeito vivencia esse gozo, mas não experimenta a recriminação como interna a si. Nele opera a descrença (*Unglauben*) em relação ao representante da lei, haja vista que esta foi estruturalmente foracluída. Então, pela falta do significante que represente a lei simbólica (Nome-do-pai), a recriminação retorna no real, o sujeito alucina vozes.

Quinet em seu livro *Na mira do Outro*, faz a seguinte apresentação: “temos portanto dois significantes: o significante do gozo (a recordação da experiência primária) e o significante da lei (a representação da recriminação) [...] o significante da lei transforma em retrospecto o significante do gozo no significante do traumatismo”. E explica que: “o traumatismo é o encontro com esse gozo, sempre descompassado: a mais, a menos” (2002, p. 15). E demonstra que, o significante traumático e o significante da lei, não terão o mesmo destino, pois vai decorrer segundo as estruturas:

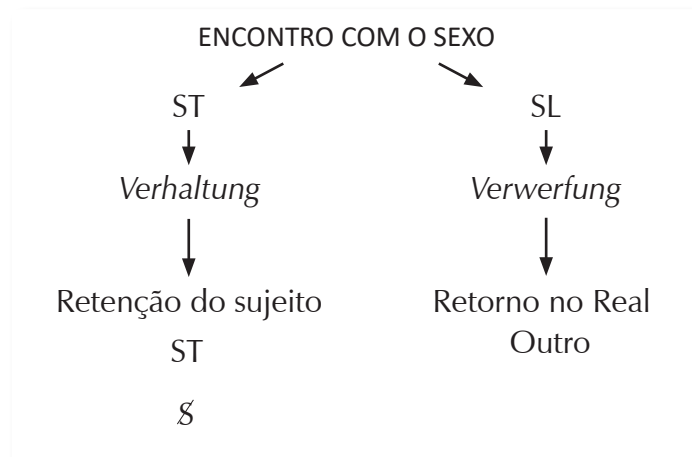
- **Neurose obsessiva** – o significante traumático e o significante da lei serão recalçados e o sujeito não fica identificado a esse significante. Ou seja, “Quando o recalçado retornar, o afeto de recriminação se desloca para um significante anódino, constituindo a ideia obsessiva e sua compulsão de gozo acompanhada de culpa” (Quinet, 2002, p. 15)
- **Paranoia** – o sujeito ficará fixado e alienado ao significante traumático que o representa para todos os demais significantes, pois o significante da lei (Nome-do-pai) foi foracluído, e o significante do traumatismo permanecerá retido (*verhaltung*), debelando nele um gozo excessivo e desprazeroso.

A recriminação na paranoia se apresentará do lado do Outro subjetivado, visto que o significante primordial da lei (SL) foi foracluído e retornará no real. Lacan no seminário *Livro 3: as psicoses* afirma que: “tudo que é recusado na ordem simbólica, no sentido da *verwerfung*, reaparece no real” (1955, p. 22).

Resumindo o que trabalhamos até aqui acerca da paranoia, é certo dizer que pela falta de inscrição do Nome-do-pai, foracluído, esse gozo experimentado no primeiro encontro com o sexo não é barrado, e conseqüentemente não tem a crença da recriminação. O significante da lei (SL) não opera e, portanto, a cena traumática é vivenciada com um excesso de gozo, conotada como desprazerosa, e o sujeito se identifica imediatamente ao significante traumático (ST), que o invade e o retém, não deslizando assim na cadeia significante. Ele fica, portanto, “congelado” a Um significante mestre.

### Verhaltung

Lacan utiliza o termo alemão *Verhaltung* (que se traduz por “retenção”) para especificar a operação na qual o significante primordial da paranoia fica retido e retém o sujeito. Quinet, no seu livro *Psicose e laço social* (2009), esquematiza a operação de retenção, da seguinte maneira:



O significante da lei foracluído no simbólico, obedece ao seu destino e retorna no real, do lado do Outro subjetivado. Como resultado dessa operação, o sujeito paranoico interpreta o que vem do Outro como sinal de recriminação, injúria e hostilidade, tornando-se o perseguidor dele.

O retorno do significante da lei no real refaz a cadeia significante ( $S^1 - S^2$ ), ao se conjugar com o significante traumático, no qual o sujeito está retido. Dessa forma, o sujeito paranoico é representado por um significante para outro significante.

Podemos a partir de então, concluir que a especificidade da paranoia é a fixação de um significante, sendo este, não um significante qualquer, mas o significante mestre ( $S^1$ ).

Na neurose o sujeito não está identificado ao significante, pois através do processo de alienação e separação, ele se aliena e se separa do significante, fazendo-se representar por outros significantes, motivo pelo qual o sujeito neurótico é um sujeito dividido.

Na paranoia, o sujeito está fixado a essa identificação e alienado a um significante mestre ( $S^1/S$ ), que o representa para todos os outros significantes. Tal identificação não se inscreve como (-1), pois, diferentemente do neurótico, que se inscreve como sujeito da falta, ao paranoico nada falta. Ele é o Um da “autorreferência mórbida<sup>2</sup>”, onde todos e tudo se dirige a sua pessoa, pois ele é o centro do mundo. E é nas relações com os outros que ele interpreta e delira. Mas engana-se quem pensa que, com um Eu tão elevado, o sujeito paranoico consegue manter-se superior às agruras da vida. Pelo contrário, o sujeito paranoico vive em um ambiente hostil, onde se sente perseguido, e muitas das vezes não se queixa. E é no interior de seu sofrimento que ele desenvolve um delírio.

A autorreferência é, portanto, uma característica própria do sujeito paranoico, da qual, a significação tem uma conotação enigmática e está referida ao sujeito, porque tem a ver com o significante que o retêm. O foracluído, que retorna no real, está referido ao Outro, onde ele projeta os sinais. Trata do mecanismo de projeção descrita por Freud.

Os dois fenômenos, autorreferência e retorno do foracluído, articulam-se juntos, de maneira que a autorreferência tenta provar a correção da projeção. A resposta que advém dessa operação é a interpretação delirante ( $S^2$ ), que é justamente o resultado da articulação entre o foracluído do Nome-do-pai com o  $S^1$ , ao qual o sujeito está fixado. Quinet, no livro *Psicose e Laço Social*, expõe da seguinte maneira:

A interpretação delirante estabelece a significação (“querem me matar”) ainda em suspenso no fenômeno inicial da autorreferência mórbida, no qual o sujeito é tomado de perplexidade diante do enigma desses sinais que vem do Outro. A interpretação delirante ( $S^2$ ) restabelece a cadeia significante, partida como efeito da foraclusão do Nome-do-Pai, articulando-se ao  $S^1$  ao qual esta fixado o sujeito –  $S^1$  que pode ter sido soprado por uma voz ou inventado pelo próprio sujeito –, arrancando-o da perplexidade e jogando-o na certeza delirante. (Quinet, 2009, p. 101)

Podemos entender o fenômeno da interpretação delirante, como a característica clínica mais importante da paranoia, nas quais os autores Serieux e Capgras fizeram uma importante

---

<sup>2</sup> Termo utilizado pelo autor Clemens Neissen, que foi traduzido classicamente por Serieux e Capgras, colhido do livro *Na mira do Outro* (Quinet, 2002, p. 17)

diferenciação entre a ideia delirante e a interpretação delirante da paranoia no seu livro *As loucuras racionantes*<sup>3</sup>.

Segundo Serieux e Capgras, na interpretação delirante, consta um raciocínio falso, no qual o sujeito toma para si uma significação pessoal, crendo, desse modo, que tudo se refere a ele. Porém, temos que considerar que, para esses sujeitos, o ponto de partida é uma sensação real, um fato exato. Como, por exemplo, uma pessoa mexeu no cabelo e isso tem a ver com o sujeito, sem mesmo que se precipite uma significação. Pois, na interpretação delirante, já há uma significação que o sujeito traz pra si: “isso quer dizer aquilo”.

A ideia delirante se define por uma concepção imaginária, criada em todos os aspectos, ou seja, não deduzida de uma observação. Nessa o Outro do delírio é efetivamente criado, “querem me matar!”

A interpretação paranoica capta o sujeito neurótico, que, por sua vez, está sempre dividido, pois na primeira o sujeito se associa a suas ideias e as organiza em sistema, se distanciando de qualquer dialética.

### Da Holófrase ao Desejo da Mãe

Lacan toma emprestado o termo holófrase da linguística e faz uso dela em alguns momentos de seus ensinamentos. Este termo se designa a reduzir um jogo de palavras em uma só palavra. Por exemplo: a palavra socorro é uma palavra holofrasiada que converte um pedido de ajuda a um único termo.

No Seminário, Livro XI, Lacan trata a solidificação de dois significantes como uma holófrase:

Chegaria até a formular que, quando não há intervalo entre  $S^1$  e  $S^2$ , quando a primeira dupla de significante se solidifica, se holofraseia, temos o modelo de toda uma série de casos – ainda que, em cada um, o sujeito não ocupe o mesmo lugar. (1964, p. 231)

É o intervalo entre os significantes que permitiria o sujeito ler nas entrelinhas e a supor que no enunciado do Outro circule outra coisa. Não havendo esse intervalo, a identificação com o enunciado do outro é imediata. Lacan chamou de holófrase, a colagem no enunciado do Outro, onde não caberá questionamento algum.

Lacan explica que, na paranoia, é essa solidificação  $S^1$ - $S^2$  que se holofraseia, formando um significante que se congela e não desliza na cadeia significante, impedindo a abertura da dialética e possibilitando a manifestação do fenômeno da crença.

Enquanto na neurose o sujeito é representado pela descontinuidade do significante ( $S^1 / S / S^2$ ), na paranoia a solidificação se colocará em oposição à metáfora e o sujeito não aparecerá como faltoso.

Colette Soler aborda outro ponto importante, que nos permite localizar a paranoia no enquadre da metáfora paterna.

<sup>3</sup> Referência encontrada no livro de Antonio Quinet, *Psicose e Laço social* (2006).

$$\frac{NP}{DM} \cdot \frac{DM}{X} \rightarrow \frac{DM}{X}$$

Visto que o NP não opera, pois foi foracluído. O resultado da operação é apenas o significante absoluto do DM, cuja representação, dita por Freud, é insuportável, e o mesmo equivale ao ideal do eu. O sujeito paranoico fica, portanto, capturado por esse gozo do Outro:  $\frac{DM}{X}$ , que se inscreve como uma marca, um significante que significa o sujeito para todos os outros significantes e se inscreve como o Um da paranoia.

## CONCLUSÃO

Segundo os ensinamentos de Soler, podemos concluir que o Um da paranoia, ou seja, o significante do trauma, retido no sujeito pela operação da retenção (*verhatung*), advém, então, do Desejo-da-Mãe, um gozo sem barra, pois o significante da lei (NP) foi foracluído, restando apenas a marca do gozo do Outro, pelo qual o sujeito é capturado e marcado. O paranoico encarna o seu significante mestre.

O Desejo-da-Mãe é o significante da insígnia, o significante da primeira simbolização e que corresponde ao ideal de eu [I(A)], que pela ausência do NP se torna absoluto, sendo incapaz da autocrítica ou de relativizar os desígnios de seu glorioso destino.

O paranoico é o sujeito que estabelece laços sociais através do significante do Desejo-da-Mãe, que o marca com o gozo traumático (S<sup>1</sup>), e o faz entrar na cadeia de significante (S<sup>1</sup> - S<sup>2</sup>) se holofraseando, e produzindo sentido referente a sua marca (DM), que não poderia ser diferente ao do megalomaníaco.

## REFERÊNCIAS

- Alberti, S. (2002). Os paranoicos e a psicose. In A. Quinet (Org.). *Na mira do outro*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos.
- Freud, S. (1894). As neuropsicoses de defesa. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 3.
- \_\_\_\_\_ (1895). Rascunho H. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 1.
- \_\_\_\_\_ (1896). Rascunho K. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 1.
- \_\_\_\_\_ (1911). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 12.
- Lacan, J. (1932). *Da psicose paranoia em suas relações com a personalidade*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- \_\_\_\_\_ (1946). Formulações sobre a causalidade psíquica. In *Os escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

- Lacan, J. (1955). *O seminário: livro 3, as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- \_\_\_\_\_. (1956). *O seminário: livro 4, a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- \_\_\_\_\_. (1957). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In *Os escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- Quinet, A. (2002). *Na mira do outro: a paranoia e seus fenômenos*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos.
- \_\_\_\_\_. (2004). *Um olhar a mais: ver e ser visto na psicanálise* (2a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- \_\_\_\_\_. (2006). *Psicose e laço social: esquizofrenia, paranoia e melancolia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- \_\_\_\_\_. (2011). *Teoria e clínica da psicose* (5a ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Soler, C. (2001). A esquizofrenia. In A. Quinet (Org.). *Psicanálise e psiquiatria: controvérsias e convergência*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos.
- \_\_\_\_\_. (2002). A paranoia no ensino de Jacques Lacan In A. Quinet (Org.). *Na mira do outro*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos.

**Recebido em:** 03-10-2017

**Primeira decisão editorial:** 15-11-2017

**Aceito em:** 01-05-2018

